

urbanos e da distribuição dos locais de trabalho, compras, serviços e lazer” (p. 287). Lembra que, no Brasil, nenhuma questão urbana pode ser compreendida desvinculada do estudo das desigualdades e remete à necessidade do estudo da segregação, já que esta constitui o “estratagema básico utilizado pela classe dominante para potencializar sua força na disputa pela apropriação do produto terra-localização”.

Por fim, conforme diz o próprio Villaça: “Há verdades mais importantes e há verdades menos importantes. Há verdades que escondem e há verdades que são escondidas. Há verdades úteis e há verdades inúteis”. A leitura do livro, indubitavelmente, levará o leitor a refletir sobre múltiplas verdades.

BERNARDO SECCHI E AS CIDADES NO SÉCULO XX (Cidade, Editora, Ano)

Cecília Ribeiro¹

O livro *A cidade no século vinte*, do italiano Bernardo Secchi, publicado no Brasil em 2009, revela uma riqueza conceitual e interpretativa para além do que o seu título sugere. Secchi não considerou somente uma cidade genérica pela qual percorreria as suas considerações. Ele enunciou três cidades que se circunscrevem ao debate europeu – embora, em muitos momentos, esses debates sejam estendidos ao americano –, *a cidade sem-fim*, *a cidade das utopias* e *a cidade do bem-estar*.

A cidade sem-fim diz respeito à concentração e dispersão de sua ocupação. Ela nem surge no início, nem termina no fim do século XX. Seu tempo é longo, como é longo e cheio de ambiguidades o seu debate. O movimento da concentração referiu-se à urbanização, à industrialização e ao tratamento da cidade como máquina, metrópole e megalópole, em inquietações advindas da transformação e controle do seu crescimento. Ao movimento de dispersão, estavam relacionadas as discussões em torno do subúrbio, dos condomínios

¹ Arquiteta urbanista, Doutora em Desenvolvimento Urbano pela UFPE. ceciliaribeiropereira@ig.com.br

fechados e do *sprawl*; além do reconhecimento da fragmentação do tecido urbano e a sobreposição dos projetos urbanos ao planejamento, o que já havia sido tratado em seu primeiro livro publicado no Brasil, *Primeira lição de urbanismo*. Embora façam parte dessa cidade dois movimentos distintos, o da concentração e o da dispersão, que o autor reconheceu como contraditórios, eles ocorrem em momentos paralelos, não sequentes e se referem à mesma angústia e temor de dissolução da cidade, da perda da própria medida, do “medo do infinito e do vazio” (Secchi, 2009, p. 34).

A *cidade das utopias* é a cidade do século breve, tal como também interpretou Eric Hobsbawm em *Era dos Extremos*. Embora a década de 1960 tenha representado uma inflexão nos debates da cidade sem-fim, aqui, essa década representa o fim de um momento em que a cidade seria o espaço da reconstrução de um novo homem e de uma nova sociedade. Essa cidade refere-se a “ideias, aspirações, técnicas nas quais a modernidade se identifica, se esgota e, talvez, provavelmente chega ao término” (Secchi, 2009, p.21). Assim, o urbanismo e a arquitetura foram interpretados como instrumentos de transformação da cidade e da sociedade, tal como tratou Anatole Kopp em *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*, e se centraram nas propostas da “grande geração” de arquitetos, aqueles que testemunharam a Primeira Guerra Mundial e até após a Segunda Guerra Mundial sofreram uma diáspora física e intelectual. As guerras foram marcantes para a construção do entendimento dessa cidade pela conscientização do risco e da insegurança, bem como as experiências americanas e soviéticas em planejamento, que passaram a ter um papel de reduzir, preparar e eliminar esse risco.

Junto à *cidade sem-fim* e à *cidade das utopias*, foi enunciada a *cidade do bem-estar*, da qual faziam parte do seu debate as dimensões físicas do bem-estar social e coletivo em um século longo, descontinuo e que ainda não acabou. A consubstanciação do *welfare state* no conforto da casa e no espaço de contemplação, exercício e lazer, sendo assim de responsabilidade e promoção do Estado, foi interpretada como sendo uma compensação para a urbanização e o afastamento da cidade da natureza. Nessa cidade, constam três períodos sobrepostos, que têm como ideias centrais o esgotamento e a crítica à sociedade

disciplinar, a busca pelas dimensões concretas do *welfare state* e a estetização da vida individual e coletiva.

Secchi não apresentou somente uma visão pessimista da *cidade sem-fim*, que teve o seu fim ou a sua alienação. Ele apontou pistas de discussões para a atualidade, como, por exemplo, nas considerações que fez sobre a cidade de Siena como espaço público por excelência para a retomada de aspectos pitorescos, agregadores, do belo e do encontro, que convidam ao caminho e à contemplação como sendo atividades próximas do cotidiano.

Do seu livro, destaca-se, portanto, que os sentidos dados à cidade no século XX não fecham a possibilidade de outras interpretações e construções que possam identificar rupturas e continuidades com os séculos XIX e XXI. Secchi apresenta, cita e reúne interpretações feitas por outros autores de modo a evidenciar pontos de partida distintos para a construção de suas histórias e destaca também, de modo distinto, acontecimentos como a *Ville Radieuse*, de Le Corbusier, a *Cidade-jardim*, de Ebenezer Howard, e *Brodacre City*, de Frank Lloyd Wright, de acordo com o sentido da cidade enunciada. O autor afasta a ideia de sequência, progresso e desenvolvimento nos acontecimentos em suas reflexões. O tempo para ele é múltiplo, elástico, comprimido e se distingue de acordo com o objeto que lhe diz respeito: o século XX pode ser breve, longo, descontinuo e não ter terminado ainda.